

“Expondo o invisível” O tempo em que era razoável investigar sozinho acabou

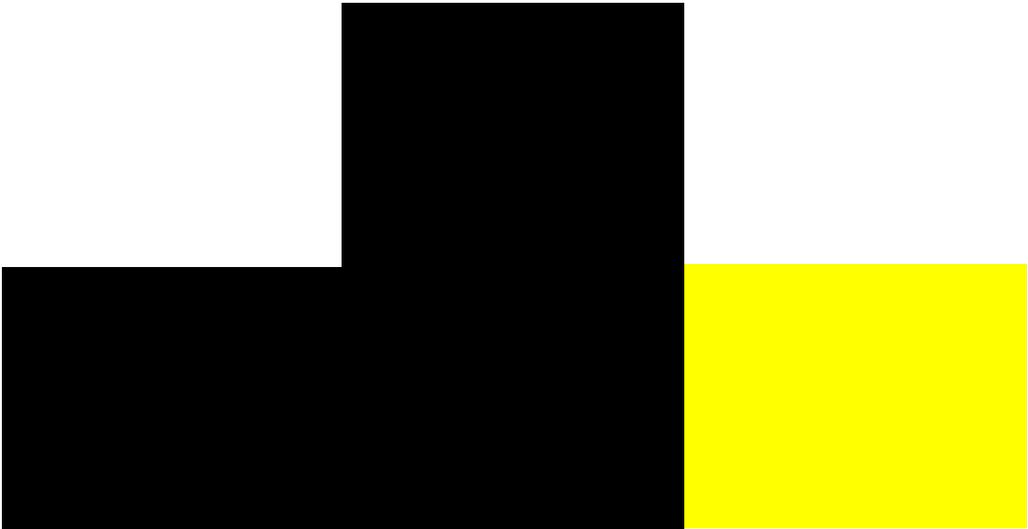
Laura Ranca

Coordenadora do projeto Exposing the Invisible no Tactical Technology Collective

Jacopo Rasmi

Professor de artes visuais e de estudos italianos na Universidade Jean Monnet (Saint Etienne)

Tradução de Carolina Salomão



Nascida há mais de vinte anos e atualmente sediada em Berlim, a ONG Tactical Tech cria espaços e ferramentas para aproveitar as novas tecnologias com uma perspectiva emancipatória e engajada¹. Entre suas iniciativas está o *Exposing The Invisible*, coordenado por Laura Ranca, que se dedica principalmente ao compartilhamento de métodos e instrumentos de investigação de base e em uma lógica participativa, tanto online quanto offline. O que significa "expor o invisível"? E como isso é feito?

Jacopo Rasmi: Para começar, de onde vem o projeto "*Exposing the Invisible*"² e quais são seus objetivos globais? Como ele se encaixa no contexto mais amplo da ética e do trabalho da organização Tactical Tech?

Laura Ranca: *Exposing the Invisible* "nasceu" dentro da Tactical Tech há quase dez anos (2012-2013), em um momento em que estava claro que a tecnologia e o acesso a diversos recursos digitais estavam começando a ter um impacto crescente em muitas esferas da sociedade, desde áreas pessoais e privadas até áreas profissionais e públicas. E não era um impacto unidirecional - não era sobre "o que a tecnologia pode fazer para as pessoas ou contra as pessoas", mas também sobre "o que as pessoas podem fazer com a tecnologia e o que podem fazer para que a tecnologia seja responsável".

O projeto *Exposing the Invisible* está inserido na vontade de entender e desmistificar o trabalho que as pessoas podem realizar com informações, especialmente por meio de investigações. A intenção era (e ainda é) mostrar ao mundo que há mais pessoas investigando do que pensamos, muitas vezes muito além do âmbito do jornalismo, em diversas áreas da sociedade civil. Queríamos mostrar que o trabalho delas é poderoso, inovador, arriscado, inspirador e muitas vezes reproduzível. No entanto, ele precisa se tornar mais visível, mais conectado além de assuntos, fronteiras e métodos.

O projeto surge de uma realidade: a era digital transformou profundamente a maneira como as pessoas encontram e compartilham informações. O acesso à informação, às ferramentas de verificação e difusão deu origem a possibilidades antes

¹ Para obter uma visão geral detalhada dos projetos atuais e anteriores ("The Data Detox Kit", "Gender and Tech", "The Glass Room...") da Tactical Tech, acesse: <https://tacticaltech.org/projects>

² As atividades do *Exposing the invisible* (podcasts, textos, webinars, vídeos, etc.) podem ser visualizadas on-line em <https://exposingtheinvisible.org>

inimagináveis para realizar investigações. Portanto, o *Exposing the Invisible* queria encontrar, apoiar e conectar mais pessoas para descobrir informações ocultas, denunciar a corrupção e destacar evidências. A ética é, é claro, um valor que promovemos, entre outros, nesse processo de descoberta e verificação de informações, transformando-as em evidências. A ética está relacionada à segurança, aos padrões de pesquisa, à transparência e à responsabilidade do trabalho e dos métodos utilizados, e voltarei a isso. Isso é válido tanto quando se trata de investigações e trabalho com fontes humanas, quanto quando se trata apenas de compartilhar informações encontradas, comunicar-se com os outros, ser curioso online ou offline, etc.

J.R.: Como você encara os atos de investigação como uma experiência política? Observando sua atividade, temos a impressão de que a investigação é entendida como uma forma particularmente crucial de ativismo e engajamento, que a ação coletiva deve passar primeiro pela produção de um conhecimento "coletivo", também...

L.R.: O fato de que o ato de investigar não se limita aos investigadores profissionais do jornalismo ou das forças policiais é evidente. Vemos pessoas de diversos meios profissionais (de artistas a pesquisadores universitários, passando por analistas OSINT, ativistas, etc.) conduzindo investigações no interesse público. Os conhecimentos são os mesmos, as metodologias frequentemente são as mesmas, as ferramentas são as mesmas. O que às vezes difere é o acesso aos recursos e à criatividade. E também, há sempre mais oportunidades de financiamento ou de obter apoio e proteção se você fizer parte de uma organização, redação ou empresa maior.

A falta de recursos pode tornar as pessoas mais criativas, e isso às vezes ocorre com os investigadores "não tradicionais". No entanto, mesmo que o acesso aos recursos evolua lentamente, hoje existem mais oportunidades de colaboração entre profissões, regiões, e até mesmo de criar novas organizações ou redes que possam obter apoio. Portanto, trata-se menos da necessidade de produzir seus próprios (novos) conhecimentos do que de passar da periferia do trabalho de investigação para um acesso mais amplo, à formação, aos recursos, às oportunidades de estabelecer colaborações, confiança e apoio em geral,

incluindo financeiro, que podem sustentar os investigadores independentes fora dos modelos "oficiais" dos meios de comunicação.

J.R.: O conceito e a prática de investigações "open source" estão se tornando cada vez mais populares e discutidos, principalmente devido a razões tristes como a guerra civil na Síria ou o conflito na Ucrânia. Vivemos em uma época em que "qualquer um pode se tornar um detetive, nem que seja por 15 minutos", para citar um slogan bem conhecido de Andy Warhol. Como essa pessoa comum se torna um detetive (consciente, competente...)? Apoiando-se no *Exposing the Invisible* e em seu Kit, por exemplo? Se explorarmos o funcionamento e os recursos do seu site³, percebemos rapidamente que essa onda de investigação "selvagem" e descentralizada não pode simplesmente se basear na intuição ou autoaprendizagem, mas também precisa ser equipada, treinada, preparada...

L.R.: Eu não chamaria isso de uma "onda de investigações cidadãs 'selvagens'". Eu vejo isso como um curso natural em que um maior acesso à informação, tecnologia e formas de encontrar, criar e compartilhar conhecimento permitiu que mais pessoas direcionassem sua curiosidade, habilidades, paixão e ações para esses atos de pesquisa, exposição e comunicação dos resultados. Pode ser um ato de empoderamento, responsabilidade, ativismo, resistência, às vezes desespero. Há muitas razões pelas quais as pessoas começam a investigar. Claro, há também o outro aspecto da questão: a disseminação de informações incorretas, mal-intencionadas ou falsas. A tecnologia e o acesso à informação e ao público podem ser usados de maneira positiva ou negativa, assim como as investigações baseadas em informações de acesso livre (OSINT).

Nosso trabalho é dirigido às pessoas e grupos interessados em encontrar evidências, fatos reais por trás de todo o ruído. Coletar informações, verificá-las ao ponto de qualificá-las como "evidências" requer o respeito a rigorosos padrões de investigação no interesse público. Se você está interessado em buscar evidências - seja você um jornalista, um cidadão curioso, um pesquisador de ONG, um ativista, um artista, etc. -

³ <https://kit.exposingtheinvisible.org/en>

você precisará aplicar procedimentos, métodos e princípios padronizados em suas pesquisas OSINT, seja no espaço digital ou no campo. Esses padrões são em sua maioria os mesmos que os do jornalismo tradicional, como responsabilidade, transparência dos métodos, imparcialidade, segurança, ética, respeito às fontes e aos colegas. Sua aplicação requer treinamento, seja por autoaprendizagem ou por meio de um percurso institucional. Exige prática de métodos e ferramentas, e principalmente, nos dias de hoje, colaboração com outras pessoas⁴. A era em que era razoável aprender ou investigar sozinho acabou.

Ao violar os princípios e ignorar as normas de ética e estabelecimento de fatos, você perderá o respeito e a confiança de seus colegas e público, seja você um jornalista ou outro tipo de investigador de interesse público. Dependendo do contexto, pode exigir mais esforços para ser respeitado como não jornalista, pois essas normas estão intrinsecamente ligadas à mídia por padrão, mas nem sempre às ONGs ou grupos informais que investigam em diversas comunidades e se concentram em questões específicas. Isso não significa que todos os veículos de comunicação e jornalistas respeitem essas normas, é claro, muitos não o fazem, como podemos ver ao nosso redor, onde quer que estejamos hoje.

J.R.: Sua resposta me faz pensar especialmente em sua iniciativa The Kit, onde profissionais compartilham suas habilidades e disponibilizam seus conhecimentos para desenvolver os objetos ("*what*") e abordagens ("*how*") das investigações dos detetives "amadores"⁵. Na sua opinião, qual é a relação (real mas também ideal, eu diria) entre o profissional e o amador, o institucional e o independente, neste campo das investigações? As investigações OSINT são um domínio flutuante, uma área cinzenta onde as fronteiras são mais fracas? Às vezes temos em mente uma imagem estereotipada do investigador

⁴ Veja as contribuições para o projeto "Investigation is Collaboration" (2021): <https://exposingtheinvisible.org/eu-project-2021>

⁵ O Kit é uma ferramenta on-line desenvolvida pela *Exposing The Invisible* em sua seção "educação", reunindo um repertório de contribuições (algumas das quais foram traduzidas para o francês) dos campos da arte, pesquisa, jornalismo e ativismo. Essas contribuições oferecem um espaço para treinamento em ferramentas, métodos e questionamentos de práticas investigativas (especialmente por meio do ambiente de informações digitais). Consulte: <https://kit.exposingtheinvisible.org/en>

como uma figura solitária (na frente de seu computador, em nossa situação digital), mas seu trabalho sugere valorizar a colaboração, o esforço coletivo na produção de uma investigação...

L.R.: Para maior clareza, por investigador "profissional", você se refere a pessoas que receberam educação formal (diploma universitário em jornalismo ou formação semelhante) e que são independentes ou afiliadas a meios de comunicação "tradicionais"? Em geral, pessoas que se identificam como jornalistas por sua prática ou credenciais (como um crachá de imprensa)?

J.R.: Sim, é principalmente isso que eu quis dizer, mas também ampliaria a definição para atores que investigam em áreas como pesquisa acadêmica ou certos serviços estatais de inteligência. Eu queria relacionar e tensionar práticas de investigação que dependem ou não de instituições (de publicação, formação...) e de economias oficiais e tradicionais.

L.R.: Nesse caso, a relação entre o profissional e o amador varia de acordo com as experiências e narrativas que eles desenvolveram um em relação ao outro. Eu observei diferentes atitudes: 1. Jornalistas ou outros profissionais de mídia que veem grande valor no compartilhamento de habilidades, trabalho e créditos com não jornalistas (ou seja, amadores - que nem sempre são realmente amadores, devo dizer) e que buscam esse tipo de colaboração porque oferece mais oportunidades, flexibilidade e provavelmente mais visibilidade do trabalho realizado; 2. Outros que apreciam que muitas pessoas investiguem e produzam reportagens, mas preferem manter distância optando pela colaboração entre pares, frequentemente porque veem riscos de parcialidade. Eles acabam se refugiando em parcerias informais e talvez menos seguras; 3. Outros ainda que são totalmente contrários à ideia de amadores investigarem e publicarem, receberem financiamento para isso, etc.

Eu também devo dizer que conheci investigadores fantásticos não jornalistas ("amadores" - mas não gosto dessa etiqueta quando aplicada a alguém cuja missão é buscar evidências) que evitam absolutamente trabalhar com profissionais, principalmente devido às dificuldades para serem creditados ou levados a sério pelo

trabalho realizado. Além disso, em muitas sociedades, há simplesmente uma falta de confiança na mídia, muitas vezes por uma boa razão, considerando o uso dos meios de comunicação para propaganda e interesses pessoais de proprietários ou governos, etc.

Eu acredito que a colaboração entre esses campos é muito útil, tanto para investigar quanto para aprender a investigar. A colaboração ajuda a fortalecer habilidades, segurança, responsabilidade, confiança e apoio em saúde emocional e mental. Muitas vezes esquecemos esse último aspecto. Além disso, a colaboração significa confiança. É difícil ganhar a confiança alheia. Isso requer tempo e esforço, de modo que estabelecer verdadeiras colaborações é na verdade um processo muito difícil e requer muito investimento pessoal, comunicação e negociação. Entendo por que algumas pessoas podem achar isso difícil de realizar. Dito isso, não acredito na abordagem do "lobo solitário", acho que isso enfraquece tanto o investigador quanto a investigação.

De fato, há uma área cinzenta fora do campo jornalístico oficial, devido ao fato de que as investigações "open source" se tornaram possíveis e emergiram além dessa margem relativamente recentemente. Portanto, muitas vezes há discussões sobre ferramentas, métodos, ética, segurança, impacto... Como em qualquer campo de prática emergente (mesmo em ciência, não é?), você opera em uma zona indeterminada até que haja força suficiente em números e qualidade do trabalho para provar e ganhar a confiança dos outros. Sinto que essa confiança cresce de ambos os lados, e tenho a sensação de que o trabalho que estamos fazendo para aproximar pessoas de todos os tipos - através de atividades, eventos e conteúdo compartilhado como o The Kit - contribui para isso.

J.R.: Seu projeto não é apenas um espaço de aprendizado para apropriar-se da investigação, ele também oferece um contexto onde os resultados das investigações independentes são publicados. Parece-me que esse aspecto do seu trabalho destaca uma questão fundamental no campo emergente das investigações OSINT: não apenas as maneiras de fazê-las, mas também como torná-las públicas... O que você pensa sobre essa necessidade de criar ou encontrar espaços de publicação?

L.R.: O *Exposing the Invisible* é de fato um espaço onde também compartilhamos os resultados de investigações em diferentes áreas. Tentamos tornar algumas histórias,

casos e as pessoas que os realizam mais visíveis e inspirar outras pessoas a seguir esses caminhos, tentar reproduzi-los em seus próprios espaços⁶. Fazemos isso, mais uma vez, com o objetivo de aprender e compartilhar boas práticas relacionadas a como os métodos e ferramentas podem ser aplicados de forma criativa, às vezes em contextos onde as investigações podem apresentar enormes desafios tanto para os investigadores quanto para a comunidade como um todo.

Hoje, existem muitos espaços onde pesquisadores podem publicar - a internet sendo o mais fácil e acessível - seja em sites, redes sociais, várias ferramentas de comunicação móvel etc. Há também a possibilidade de usar a arte e práticas artísticas não apenas para investigar, mas também para mostrar e compartilhar os resultados com o público de uma forma mais acessível e envolvente.

No entanto, a parte mais difícil é como essa comunicação e publicação das investigações e evidências acontecem. Eu diria que é a parte "narrativa" da comunicação⁷. Embora cada vez mais pessoas tenham se tornado muito competentes e profissionais na busca de informações, ainda há muito trabalho a ser feito para que os resultados das investigações alcancem um número maior de pessoas e tenham um impacto maior no público. Isso é algo em que estamos tentando nos concentrar mais atualmente: como comunicar melhor as investigações, como fazer com que mais pessoas tenham acesso às evidências descobertas e se interessem pelas histórias e suas conclusões. Não é fácil, as investigações ainda são predominantemente escritas, em formato longo, muitas vezes demoram muito para serem lidas, com muitos detalhes que tentam explicar como as evidências foram encontradas⁸. Isso não é a forma mais amigável de entregá-las. Este é um campo que realmente precisa de mais trabalho, recursos e criatividade, enquanto se mantém longe da banalidade com o único objetivo de atrair mais audiências.

⁶ Consulte o arquivo audiovisual do projeto (incluindo documentários, entrevistas, conferências, etc.): <https://exposingtheinvisible.org/films>

⁷ Consulte Nuria Tesón "Communicating with a Purpose: Investigative Storytelling": <https://watch.tacticaltech.org/videos/watch/686345fd-fd63-4192-88f6-d1936a98022c?start=3s>

⁸ Também o encaminhamos para a entrevista com INDEX neste dossiê.

J.R.: O slogan "expor o invisível" também trata de uma questão fundamental para o nosso tempo de hiperinflação de informações: como podemos analisar e organizar a enorme quantidade de dados disponíveis na web de maneira politicamente e socialmente significativa? O campo das investigações em fontes abertas é uma das possíveis respostas a essa necessidade de se apropriar da informação existente no domínio digital, que muitas vezes permanece dispersa, oculta, desconectada... Precisamos de processos e gestos capazes de transformar os dados brutos em informações relevantes e convincentes, o que requer trabalho.

L.R.: Sim, "expor o invisível" é um ótimo slogan, nós adoramos! Remonta a 2013, quando o co-fundador e diretor criativo da Tactical Tech - Marek Tuszynski - lançou este projeto com uma série de filmes documentários... sobre investigações criativas e colaborativas. Este slogan é um apelo para que as pessoas continuem buscando, sendo curiosas, recusando-se a aceitar que algumas coisas não possam ser reveladas, e contribuindo para mais transparência em suas comunidades. Mesmo a ausência de prova é prova de algo - então sempre há algo a ser revelado⁹.

Tendemos a reclamar de tudo: a hiperinflação de informações é ruim, a desinformação é ruim, a falta de informação é ruim... Mas o que é bom é que temos oportunidades - conhecimento, ferramentas, acesso - para investigar tudo isso como nunca antes. Sim, há uma sobrecarga de informações e dados (muitas vezes intencionalmente mal colocados, mal geridos, mal utilizados por quem está no poder e deveria fornecê-los), mas também há uma consciência muito maior de que não podemos gerenciá-los sem trabalhar em colaboração entre lugares, habilidades, profissões, temas, etc. Isso automaticamente abre a investigação e a busca de respostas para um número maior de pessoas, além dos meios de comunicação e da prática jornalística usual. Também é um processo saudável de desmistificação dos métodos de investigação, porque, afinal, qualquer pessoa pode aprender a investigar. Por que as pessoas o fazem é outra questão.

⁹ Para saber mais sobre essa questão, consulte o artigo de Di Luong "How do we know things? O dilema de investigar in the absence of evidence" (3/8/2021):

https://cdn.ttc.io/s/exposingtheinvisible.org/media20/french/How-weknow-things_fr.pdf

Pode-se fazer por interesse público ou por interesse pessoal, então é uma questão de ética e finalidade.

J.R.: Eu também estava pensando no papel crucial da automação (os algoritmos, por exemplo) quando se trata de organizar, arquivar e mostrar as informações armazenadas no espaço digital. O fator humano e subjetivo é colocado pelas investigações em fontes abertas no centro dessas operações de verificação, conexão e compartilhamento de dados na internet. Mesmo que as investigações se baseiem em dispositivos de processamento de dados digitais, seu Kit destaca frequentemente a importância do fator humano contingente (intuição, criatividade, dedução...) nesse tipo de iniciativa que produz conhecimento, o qual também implica que a verdade é incerta, frágil, comprometida mesmo que baseada em "fatos"...

L.R.: Claro, com o *Exposing the Invisible*, sempre nos concentramos no investigador, no ser humano. E o ser humano - que aprende, trabalha e se comunica - tem sentimentos, desejos, medos e preconceitos, comete erros e precisa enfrentá-los etc. Usamos essa frase quando falamos de segurança: "os humanos são o elo mais fraco". Isso implica que, independentemente das ferramentas e software "seguros" que você pode baixar e usar individualmente ou em equipe, a vulnerabilidade em termos de "segurança" vem de como esses softwares são usados ou mal usados pelas pessoas. A falta de atenção (humana) deixa brechas. Assim, as ferramentas "sofisticadas" acabam sendo inúteis, ou até mesmo perigosas. Por "segurança" ("segurança e proteção"), quero dizer não apenas a dimensão física e digital, mas também mental e emocional das pessoas que estão investigando. Ao mesmo tempo, o horizonte de segurança que defendemos na Tactical Tech também diz respeito à situação das informações usadas e, especialmente, das fontes humanas desses dados. Colocamos online um guia com as normas básicas sobre isso: "Segurança em primeiro lugar!¹⁰"

J.R.: Uma última pergunta sobre a dupla natureza das investigações que você descreve e prepara. De um lado, há a exploração remota de uma questão a partir da

¹⁰ Este texto está disponível em: <https://kit.exposingtheinvisible.org/fr/safety.html>

perspectiva digital, de documentos (imagens, textos, sons...) que estão disponíveis a certa distância através da web. Por outro lado, temos uma abordagem mais tradicional da investigação baseada na presença no campo, no encontro direto com pessoas etc. Como os dois métodos (novos e antigos) colaboram sem se excluir mutuamente?

L.R.: A investigação remota (online) e a presencial devem ser complementares sempre que possível - esse é o ideal. Às vezes, elas podem contradizer uma à outra, às vezes podem se confirmar mutuamente. Costumamos verificar mensagens, fotos e vídeos do nosso escritório e dispositivos conectados, mas essas informações muitas vezes são geradas a partir do "campo". Se deixarmos de lado o conteúdo potencialmente inventado, gerado por IA ou manipulado, devemos assumir que alguém esteve no campo em algum momento e registrou uma imagem ou som. Precisaremos rastrear essa fonte na vida real ou ir até lá e verificar se ela existe, e se algo aconteceu lá, ou, ao contrário, se não aconteceu. O inverso também é verdadeiro. Você pode encontrar evidências offline, no campo, mas alguém as manipula e as rotula incorretamente na internet. Você terá que seguir online até a fonte que as usou incorretamente.

E, é claro, nem sempre é possível para investigadores iniciantes irem ao local para verificar as coisas diretamente. É aí que volto à minha prática favorita: a colaboração. Você provavelmente pode encontrar alguém de confiança que possa ajudá-lo a verificar as coisas. Ambos os tipos de exploração se complementam. Mas, no final das contas, na maioria das vezes, você terá uma dimensão offline/no campo para cada item de informação - não é mesmo? Sempre haverá uma mão e um interesse humanos por trás de uma máquina ou algoritmo em algum momento. Até que algo ou alguém me prove o contrário, continuarei dizendo isso!